

OITAVAS DE FINAL

 x 

Campeões pela Seleção em 2016 e em 2021, atacante Matheus Cunha e lateral Douglas Santos veem nas medalhas legado de maturidade e convivência com pressão pelo hexa

Inspirados no ouro olímpico

MARCOS PAULO LIMA
VÍCTOR PARRINI
ENVIADOS ESPECIAIS

Nova Jersey — Carlo Ancelotti não está sozinho na missão de conduzir o Brasil ao hexa. Vinícius Júnior, Endrick e Casemiro funcionam como extensões do treinador em campo graças ao entrosamento construído nos tempos de Real Madrid. Conhecem os atalhos, os conceitos e a forma de trabalhar do italiano. Mas há outro grupo igualmente valioso. Weverton, Matheus Cunha, Douglas Santos, Bruno Guimarães, Neymar e Marquinhos carregam algo que o técnico é incapaz de compartilhar: a memória das últimas conquistas da Amarelinha. O que eles têm em comum? Medalhas de ouro olímpicas. Ainda há quem torça o nariz para o torneio de futebol dos Jogos, mas a convocação mostra que as campanhas vitoriosas de Rio-2016 e Tóquio-2020 podem oferecer uma lição preciosa ao Brasil na busca pelo hexacampeonato.

Douglas Santos é o elo mais antigo dessa corrente. Titular na campanha do ouro inédito no Rio-2016, dividiu o gramado com Neymar, Marquinhos e Weverton na conquista da única medalha que faltava à galeria da Seleção Brasileira. Depois de desaparecer do mapa nas Copas de 2018 e 2022, precisou esperar nove anos para voltar a vestir a Amarelinha em um Mundial. Agora, tenta transportar para a equipe de Carlo Ancelotti a experiência acumulada naquela campanha histórica. Foi justamente em um torneio de mata-mata, disputado sob enorme pressão e diante da torcida brasileira, que o lateral aprendeu lições que considera úteis.

“Tive a oportunidade, com Neymar e Marquinhos, de conquistar essa medalha tão importante que faltava ao Brasil. Sentimos o peso da responsabilidade jogando em casa e sabíamos da vontade de

CBF/Divulgação



Matheus Cunha: “Para ganhar Copa, tem que passar por percalços”

todos os brasileiros. Não é diferente hoje. Estamos ainda mais focados na Copa do Mundo, que será um feito inesquecível para todos nós. Trazemos a vivência das Olimpíadas para cá e sabemos que ainda temos muito a entregar. Se Deus quiser, vamos conseguir essa vitória tão importante contra a Noruega”, afirmou o canhoto de 32 anos. Matheus Cunha tem transformado a Copa do Mundo na Olimpíada dele. Em Tóquio-2020, disputou cinco partidas, marcou três gols, deu uma assistência e foi peça importante na conquista do bicampeonato olímpico. Agora, herdeiro da camisa 9, o paraibano de João Pessoa pode completar justamente contra a Noruega, amanhã, o quinto jogo neste Mundial e persegue o quarto gol. A experiência olímpica pode ser um trunfo.

Enquanto a Seleção Brasileira ainda tenta superar o trauma recente contra potências europeias em Copas, o retrospecto nos Jogos Olímpicos é bem diferente. O título em Tóquio foi conquistado justamente sobre a Espanha. E não qualquer Espanha. O técnico derrotado naquela final era Luis de la Fuente, hoje comandante da seleção principal. Da equipe vice-campeã olímpica permanecem nomes fundamentais da atual Fúria, como Unai Simón, Cucurella, Pedri, Dani Olmo, Zubimendi, Merino e Oyarzabal, além de Carlos Soler. A base construída em Tóquio virou alicerce da equipe que figura entre as favoritas ao título mundial. A França seguiu caminho semelhante. Vice-campeã olímpica em Paris-2024, mantém uma das gerações mais talentosas do planeta. Michael Olise terminou os

CBF/Divulgação



Douglas Santos: “Sabemos que ainda temos muito a entregar”

Jogos como líder de assistências e é o principal garçom da Copa, com cinco passes decisivos. Rayan Cherki ganhou projeção antes de ser contratado pelo Manchester City, enquanto Désiré Doué e Maghnes Aklouché transformaram a campanha olímpica em trampolim para a seleção principal. Para Matheus Cunha, porém, o passado serve apenas como referência. O atacante reconhece o peso das eliminações recentes para europeus — França (2006), Holanda (2010), Alemanha (2014), Bélgica (2018) e Croácia (2022) —, mas acredita que a atual geração tem a oportunidade de quebrar a escrita. “Não conversamos sobre isso e sobre Copas passadas. Na verdade, temos conversas sobre o momento exato da eliminação, porque muitos companheiros passaram por

isso, mas é muito mais sobre não querer reviver aquele dia do que propriamente sobre o adversário ou sobre a escola da qual ele vem, no caso a europeia. Mas, sem dúvida nenhuma, é algo que a gente tem que fazer para matar ou sumir com esse fantasma. Para ganhar Copa do Mundo, tem que passar por esses percalços”, reconheceu Cunha. A experiência olímpica oferece justamente esse tipo de referência. Rio-2016 e Tóquio-2020 ensinaram ao grupo a conviver com a pressão, sobreviver a mata-matas e levantar troféus vestindo a camisa da Seleção. É esse repertório que Douglas Santos, Matheus Cunha e outros campeões tentam colocar a serviço de Carlo Ancelotti na tentativa de devolver o Brasil ao topo do mundo.

DRIBLE DE CORPO NA COPA



Marcos Paulo Lima

CR7 não aprendeu dizer adeus

O roteiro da despedida estava pronto. Cristiano Ronaldo teve um gol anulado por impedimento, converteu um pênalti. Sob aplausos, foi substituído por Rúben Neves e caminhou para o banco, aos 41 anos, como quem encerrava uma das maiores histórias da Copa. O empate levava a partida à prorrogação. Faltava apenas o apito final. Mas o futebol resolveu reescrever o roteiro. Gonçalo Ramos marcou o gol da vitória por 2 x 1 sobre a Croácia e transformou o que parecia ser o último ato em apenas mais um capítulo. CR7 não sabe dizer adeus.

Poucos personagens desafiaram tanto o tempo quanto ele. Cristiano enfrenta a ideia da despedida. A cada ciclo, surge uma nova geração, um novo protagonista, uma nova razão para acreditar que chegou a hora de passar o bastão. O jogador eleito cinco vezes melhor do mundo, de alguma forma, encontra um jeito de permanecer. Foi assim em 2022. O Mundial do Catar parecia marcar o encerramento de uma era quando Fernando Santos o tirou do time titular na fase eliminatória. O escolhido para ocupar o lugar foi justamente Gonçalo Ramos, autor de um hat-trick contra a Suíça nas oitavas de final no triunfo por 6 x 1. A imagem de CR7 no banco, com o semblante abatido, parecia simbolizar a troca definitiva de gerações.

Quatro anos depois, o destino resolveu brincar com os mesmos personagens. Cristiano voltou à condição de titular, capitão e referência técnica de Portugal. Gonçalo Ramos permaneceu como herdeiro natural, mas desta vez desempenhou outro papel. Em vez de representar o futuro, preservou o presente. O camisa 9 entrou no lugar de João Cancelo e foi dele o gol que impediu a despedida do maior artilheiro do futebol em atividade. Faltam 24 gols para o milésimo. São 976. E contando...

O simbolismo da noite em Toronto, no Canadá, vai além da classificação para as oitavas. Cristiano marcou de pênalti, viu um gol ser anulado por centímetros e deixou o campo ovacionado, como se recebesse as homenagens reservadas aos gigantes antes do encerramento do espetáculo. Tudo indicava que aquele seria o último gesto em Copas. Bastava o cronômetro cumprir o trabalho, mas o futebol nem sempre respeita os roteiros aparentemente inevitáveis.

Assim como tantas vezes decidiu partidas nos minutos finais, Cristiano agora depende dos outros para continuar escrevendo a própria história. É uma inversão curiosa para quem passou duas décadas decidindo partidas quase sempre pelos próprios pés. Aos 41 anos, já não controla tudo. Mas continua encontrando motivos para seguir em frente.

Talvez seja esse o maior legado de Cristiano Ronaldo. Mais do que os gols, os records ou os títulos, permanece a obstinação quase irracional de não aceitar que exista um último capítulo enquanto ainda houver uma página em branco.

A despedida continua esperando. E Cristiano Ronaldo também. Porque, enquanto a Copa insistir em lhe oferecer mais um capítulo, continuará ecoando para o camisa 7 o refrão eternizado por Leandro & Leonardo: “Não aprendi dizer adeus”.

CBF/Divulgação



Neymar pode jogar 90 minutos, segundo Ancelotti

CBF/Divulgação



Raphinha busca melhor forma após lesão na coxa

Neymar e Raphinha treinam no pique

Nova Jersey — Penúltimo treino da Seleção Brasileira no Centro de Treinamento do Red Bulls New York, ontem, em Morristown. Neymar e Raphinha entram por último. Não caminham. Correm como se estivessem passando um recado a centenas de jornalistas à espera da melhor imagem.

O camisa 10 não está descartado, inclusive, como titular para enfrentar a Noruega, amanhã, às 17h, no MetLife Stadium. O número 11 tem chance de ficar no mínimo no banco. Lucas Paquetá segue entregue ao departamento médico. Poucado para um controle de carga no treino de quinta-feira, o jovem Rayan participou normalmente da atividade sob calor de 37 graus e sensação superior a 40.

A possibilidade de Neymar iniciar uma partida da Copa do Mundo como titular pela primeira vez desde a eliminação contra

a Croácia nas quartas de final de 2022 vem da boca do técnico Carlo Ancelotti. Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, o italiano abriu essa possibilidade. “Sim, ele pode jogar 90 minutos”, cravou o treinador depois de colocá-lo em campo durante 14 minutos na vitória por 3 x 0 contra a Escócia na fase de grupos.

Carlo Ancelotti também se manifestou sobre a ansiedade de Neymar para colaborar por mais tempo com o time. “Ele não está conformado, mas está treinando muito bem. Neymar é muito respeitoso, amável e querido pelos companheiros. É um caráter importante na equipe porque tem qualidade e é uma pessoa muito humilde. Estou muito contente com ele. E, obviamente, ele quer jogar, como sempre jogou”, disse o treinador.

Depois do toque de recolher para a imprensa, Carlo Ancelotti

continuou definindo o time para a partida contra a Noruega. Há uma vaga aberta: o treinador procura um substituto para o lesionado Lucas Paquetá. Danilo Santos é o favorito. Endrick, Gabriel Martinelli e Ederson correm por fora. Com as declarações do dono da prancheta, até mesmo Neymar pinta como “azarão”.

A tendência é Raphinha no banco de reservas ou nem isso. Se seguir o protocolo usado com Neymar, o departamento médico deixará o atacante treinando isoladamente até atingir a convicção de que pode colaborar por alguns minutos até recuperar a intensidade necessária para jogar mais tempo.

Gabriel Martinelli treinou boa parte no lugar de Paquetá. Depois, Ancelotti testou Igor Thiago como centroavante e Matheus Cunha na função de meia. **(MPL)**

Torcedores da Noruega provocam: “Nunca perder”

PEDRO BUENO
ENVIADO ESPECIAL

Nova Jersey — “A Noruega nunca perdeu para o Brasil. Queremos que todos saibam disso”. Repetidas vezes, ouvi isso ao conversar com os torcedores nórdicos. Era só me apresentar como brasileiro que eles, de forma orgulhosa e sadia, “provocavam” ao ostentar o tabu: é o único país que enfrentou a Seleção Brasileira e nunca foi derrotado. A questão é que, desta vez, os países protagonizarão justamente o confronto mais importante da história.

“Precisamos que todos se lembrem: Marselha, 1998, nós vencemos o Brasil (2 x 1 na fase de grupos). E a Noruega nunca perdeu para o Brasil. Então, queremos que todos saibam disso”, iniciou Joachim Lambine, norueguês de 23 anos que estava com uma turma de amigos na conversa com o **Correio**.

“O único país que jogou contra o Brasil e nunca perdeu é a... Noruega!”, destacou Jonathan Helland-Hansen, que fez uma “coreografia” com os amigos ao

dizer o nome do país. É um orgulho válido e bonito, até porque valoriza justamente o respeito pela Seleção Brasileira.

Os quatro duelos da Seleção Brasileira contra a Noruega ocorreram entre 1988 e 2006: foram duas vitórias nórdicas e dois empates. No entanto, Kristian Valstad, de 40 anos, recordou, também, o sentimento totalmente diferente em que os noruegueses chegaram ao confronto na Copa de 1998. “Não temos tanto medo neste ano. Em 1998, estávamos aterrorizados. Acho que aquele time de 98 do Brasil era muito melhor do que o deste ano. Mas eu sou torcedor do Arsenal, então eu amo os ‘Gabiéis’”, disse.

“Se o Brasil encontrar a Noruega, eu ficarei um pouco assustado, para ser sincero. Mas queria porque temos que manter este histórico”, acrescentou Jonathan Helland-Hansen na conversa com a reportagem antes da definição das oitavas de final.

Joachim Lambine comemorou a oportunidade. “Brasil é um daqueles países que é realmente especial na Copa”, comentou.



Pedro Bueno/CFD A Press

Joachim, Stian, Jonathan e Aksel: fãs vikings esbanjam confiança